

Para desvendar um mistério Shelby caiu na armadilha de Mark.

Shelby não queria acreditar, mas estava mesmo apaixonada por Mark.

Shelby espreguiçou-se languidamente e preparou-se para se levantar. Mas, ao notar que usava o paletó de pijama de Mark e, pior, que ele dormia a seu lado, ficou horrorizada. Como fora permitir que isso acontecesse?

Com a desculpa de ajudá-la a desvendar um mistério que tanto a atormentava, Mark acabou por envolver Shelby com seu charme. Ela, no entanto, não alimentava ilusões de conquistar o coração daquele famoso escritor.

*Título original: Capture a shadow, 1987
Digitalização e revisão: Márcia Goto*

CAPÍTULO I

Ela nunca vira o homem tão zangado e se assustou.

Enquanto Bob Jonas andava de um lado a outro do escritório, Shelby Stuart tentava superar o medo irracional. Afinal não ia levar uma surra. Ele estava vermelho de tanto esbravejar, mas seria preciso mais que um sujeito irritado para intimidá-la.

Entretanto, quando Bob se inclinou sobre a cadeira dela com o dedo em riste, Shelby se encolheu instintivamente. Contrariada com a própria reação, tentou reconquistar terreno.

— Na minha opinião, sr. Jonas. . .

— Não tem opinião nenhuma! Aliás, está na empresa por acidente, srta. Stuart!

— Sr. Jonas. . .

— Devolveu ou não o último manuscrito de Natasha Winslow?

— Sim, mas...

— E ela mandou ou não o trabalho para outra editora, que agarrou a chance de publicá-lo?

— Sim, mas...

— E o trabalho em questão está ou não na lista dos mais vendidos desta semana segundo o New York Times?

— Não sei. O senhor fica sacudindo esse jornal no meu nariz, sem me deixar sequer dar uma olhada. . .

— *Pode acreditar em mim. O livro atingiu os primeiros lugares de vendagem. Agora, qual a sua justificativa por ter dispensado essa autora?*

— *O livro era pornográfico, e ela se recusou a abrandar o tom.*

— *Pornográfico segundo os critérios de quem, srta Stuart? Seus?*

— *E do público também. Certas passagens eram grotescas. Se o lesse, sr. Jonas, concordaria. . .*

— *Mas, para isso, tenho de ir até a banca mais próxima e comprar o livro, certo? Pois é esse o "x" da questão! Nós devíamos tê-lo publicado.*

— *Acredite em mim, sr. Jonas, não faz o gênero que o senhor gostaria de ver associado a esta editora. . .*

— *Foi escrito por uma autora de best-sellers.*

— *Oh, agora entendo. Acha que qualquer coisa escrita por Natasha Winslow deve ser indiscriminadamente publicado?*

— *Tínhamos contrato exclusivo com a mulher até você decidir, sem mais nem menos, que o estilo dela é picante demais. . .*

— *A palavra certa é medíocre. Aquele tipo de linguagem é apelativo, sem nenhum valor literário.*

— *E não serve para os nossos leitores, é isso?*

— *Exatamente. E devo acrescentar que quando uma reles editora tem de lembrar esse tipo de fato ao dono da empresa. . .*

— *É por isso, srta. Stuart, que é uma reles editora e eu sou o dono da empresa.*

Shelby manteve o controle por um fio e tentou pôr um fim à discussão.

— *Seja como for, faz um ano que devolvi o manuscrito em questão. São águas passadas.*

— *De jeito nenhum. O episódio será lembrado por anos ainda. . . cada vez que virmos o nome de Natasha Winslow nesta lista — ele apontou para o jornal.*

— *Fiz o que pude — Shelby argumentou. — Tentei durante seis meses tornar o livro aceitável. Mas o problema não era só a linguagem. A personagem principal já tinha ido para a cama com seis homens diferentes por volta do capítulo cinco, e nossos leitores não apreciam esse tipo de coisa. Não esperam. . .*

— *Poupe-me do discurso — Bob a interrompeu. — Francamente pouco me importa o gosto dos leitores, contanto que continuem a comprar livros.*

— *Mas não vê? Aí é que está o problema! Eles esperam romances que mexam com suas emoções. Por quanto tempo mais*

comprarão nossos livros se continuarmos a lhes oferecer lixo?

— Comprarão o livro pelo nome do autor. E agora de outra editora. — Bob sentou-se e cruzou os braços sobre a mesa. — Foi uma falha grave, srta. Stuart. Outro erro desses, e vai para a rua.

— Não pode fazer isso! Trabalho com os autores de maior vendagem desta editora. . .

— Os que ainda me restam, você quer dizer — ele ironizou. — Cria, srta. Stuart, não fosse por gente como Maria Martin e Valerie St. John, não teria uma segunda chance. São autoras de valor, e não posso me arriscar a perdê-las por solidariedade a você. Por isso, erga as mãos para o céu por ainda ter o emprego. Faça outra trapalhada, como perder Maria Martin ou Valerie St. John, e estará perdida também. — Ele atirou o jornal no cesto de lixo com desdém. — Tenha um bom-dia, srta. Stuart.

Não havia mais nada a dizer. Shelby voltou para sua sala, mordendo a língua para não falar o que pensava. O homem não lhe dera uma palavra de estímulo ou reconhecimento pelo bom trabalho que desempenhava. Só uma ameaça de dispensa, como uma nuvem escura de condenação a pairar sobre sua cabeça.

Sentou-se à escrivaninha, olhando para o nada.

— Ele poderia ter me vendido os olhos — murmurou —, se queria tolher o meu trabalho. — De que valia um editor incapacitado de exercer seu julgamento?

— O homem está com a corda toda hoje? — Outra editora entrava com um maço de correspondência.

— Está. — Shelby sentiu um calafrio só de olhar para a pilha de envelopes amarelos deixados sobre a sua mesa. Teria estômago para ler um manuscrito naquele momento? E se cometesse mesmo um erro?

Pare com isso, repreendeu-se com firmeza. Recusar o último romance de Natasha Winslow não havia sido um erro. O homem é que estava errado.

— Ânimo — a outra disse. — Vai sair de férias na semana que vem, deixando nós todos aqui trabalhando feito loucos. Sem falar que hoje é o seu dia de sorte.

— Dia de sorte? É fácil falar. Não foi você quem recebeu a ameaça... — Então reparou no envelope cor-de-rosa no topo da pilha. — Tem razão — um sorriso iluminou seu rosto —, é meu dia de sorte.

— Quem dera eu tivesse descoberto Valerie — a outra editora comentou com inveja. — Nenhum dos meus autores

quer muito papo, a não ser quando se trata de dinheiro. Só me procuram para reclamar do mau gosto das capas, da revisão ou de cláusulas do contrato.

— Eu sei. Valerie é exceção em tudo.

— E me mandam páginas. Se gastassem metade do tempo que perdem com essas reclamações para escrever capítulos. . .

— Eu sei, eu sei. Valerie consegue dizer mais em dois parágrafos do que a maioria num livro. — Shelby balançava o envelope nas pontas dos dedos. — Vai ficar aí esperando eu abrir a carta?

— É claro que não. Sei que faz questão de privacidade nessas horas. Aposto como ninguém mais nesta editora inteira precisa ficar sozinho para ler uma carta! Não sei para que tanto mistério. Aliás, vai ao coquetel de Lora Wilde logo mais no final da tarde?

Instintivamente Shelby rebelou-se de corpo e alma contra a idéia de se entediar no apartamento reconhecidamente suntuoso de Lora Wilde, equilibrando uma taça de champanha e um prato de petiscos, mal conseguindo ouvir e ser ouvida em meio a ruidosas conversas fúteis. Só a fumaça dos cigarros lhe daria dor de cabeça em quinze minutos. Mas, apesar da relutância, concordou.

— Só um idiota perderia uma festa de Lora.

— Foi o que pensei. Até mais tarde, então. — A colega de trabalho se preparou para sair. — Divirta-se com a carta.

Além do mais, Shelby pensou com seus botões, representantes de todas as editoras de Nova York compareceriam ao coquetel. Poderia especular quanto a uma vaga de editor em alguma delas. Lora mesma devia saber. Não era uma agente literária poderosa por nada; conhecia todo mundo e estava sempre por dentro das últimas fofocas do meio.

Shelby esperou a colega sair para ler a carta. Valerie nunca falava de si mesma, só de trabalho. Suas respostas a qualquer pergunta de caráter pessoal eram invariavelmente reservadas. Tratava-se de uma pessoa muito discreta.

Havia acabado de aprovar o sexto romance dela, e aquela carta devia ser uma satisfação quanto ao projeto do número sete, provavelmente em andamento àquela altura.

Que sorte o primeiro romance dela ter caído em suas mãos! Os livros de Valerie St. John davam margem a emoção e reflexão. O enredo consistente e os temas variados tornavam o trabalho de revisão um prazer. Quem dera que seus outros autores, incluindo a medíocre Natasha, tivessem metade do

talento dela com as palavras!

Aspirou a fragrância floral impregnada no papel e se recostou na cadeira para ler a carta.

"Que bom que gostou do meu último romance! De fato tornou-se o meu favorito e, portanto, o ideal para marcar o fim de um ciclo de produções. Estou sem idéias no momento e, honestamente, cansada. Escrever romances em série é mais árduo do que imaginava; por isso pensei num recesso de um ano para renovar minhas perspectivas. Entrarei em contato quando julgar que minha licença deva terminar. Por hora, agradeço-lhe toda a ajuda e. . ."

A carta escorregou das mãos inertes de Shelby.

— Ela não pode fazer isso comigo — sussurrou. — Droga, Valerie, não pode me abandonar agora!

Podia, sim. O contrato havia expirado e, mesmo que não tivesse, nada seguraria aquela mulher. Nenhum papel a obrigaria a produzir mais do que pretendia.

Shelby apoiou a cabeça nos braços cruzados sobre a mesa. Valerie estava cansada de escrever romances e, por causa dessa decisão tornada a meio continente de distância, sua carreira como editora da Jonas Brothers estava acabada. Era simples.

Agora restava apenas esperar que Lora Wilde conhecesse alguma editora que pudesse lhe dar um emprego de imediato.

O burburinho incessante de vozes atordoava Shelby, parada perto de uma janela ampla com vista para as luzes de Manhattan. Tomou um gole do bloody mary que esquentava em sua mão e lançou um olhar pelo apartamento luxuoso de Lora Wilde.

O lugar havia sido redecorado desde sua última visita, desta vez para uma serena combinação de prata e azul. A anfitriã, com os cabelos negros soltos sobre os ombros, também usava a cor prata naquela noite. Mas não havia nada de sereno em seu jeito. Passava de um grupo a outro, seu riso ressoando sobre o burburinho de vozes, uma longa piteira na mão.

— Nunca se pergunta — alguém cochichou ao ouvido de Shelby — como Lora justifica esse luxo todo aos clientes? Afinal são eles que pagam por isso com os dez por cento da comissão do agente. .

— Deve dizer a verdade — ela respondeu para o loiro a seu lado. — Lora nasceu em berço de ouro.

— Ah, é? Não é justo. Além de bonita, também é rica.

— Nunca pensei sob esse ponto de vista, Rodney. Lora é uma amiga. Não perco tempo invejando meus amigos.

Ele abanou a cabeça em sinal de reprovação.

— Não irá muito longe, no mundo competitivo das publicações, se levar as amigas a sério, Shelby.

Rodney devia saber disso melhor que ninguém. Não tinha um amigo desinteressado no meio, graças aos contatos valiosos que possuía.

— Olhe — ele chamou a atenção dela. — Lá está Natasha.

Shelby olhou com desdém para a porta. Natasha fazia uma entrada triunfal, num vestido vermelho acetinado tão colante às suas curvas voluptuosas que mal se podia imaginar como viera sentada no carro. Sobre os ombros trazia um boá, apesar do calor de setembro. A maquilagem pesada dava um ar teatral à mulher, que já beirava os quarenta.

— No mínimo veio promover o novo livro — Shelby comentou.

— É verdade. Deve ter visto que o romance está na lista dos best-sellers esta semana. — O sorriso triunfante de Rodney a irritou. Ele não perderia a oportunidade de lembrar que a editora dele detinha agora o direito de publicação dos livros de Natasha.

— Ela vai mesmo conseguir se promover vestida daquele jeito.

— Ora, vamos — Rodney argumentou. — Não precisa ser maldosa só porque a mulher não está mais escrevendo para vocês. Experimente algum dia se vestir para fazer sucesso. Ficaré surpresa com os resultados quando parar de se esconder pelos cantos.

Shelby admitiu com relutância que ele tinha razão. Natasha Winslow era esperta e sabia que apenas os extremos atrairiam o tipo de atenção que desejava, a que vendia livros. Ele tinha razão também quanto a ela. Coquetéis a intimidavam, e preferia vestir-se com sobriedade. Não havia nada de errado com sua aparência. Os cabelos loiros possuíam um brilho natural e os olhos, seu traço mais marcante, eram de um azul quase violeta. Mas, numa sala repleta de mulheres glamourosas, quem prestaria atenção, em mais uma loira de olhos azuis?

Talvez tivesse, afinal, um pouco de inveja de Lora Wilde e Natasha Winslow.

— Sabe qual é a última conquista dela? — Rodney a conduziu para o bar, entregando o copo vazio ao garçom.

— De Natasha? Não quero mais, obrigada — ela respondeu ao olhar interrogativo dele para o seu copo. — Quem se importa com quem Natasha dorme? Todos ficarão

sabendo quando seu novo livro sair. O sujeito será sem dúvida o personagem principal.

— Não seria mulher, se não tivesse morrendo de curiosidade para saber — Rodney observou. — Aliás, se for boazinha comigo, não terá de esperar o livro sair. Já o li. Podemos fazer um acordo: eu lhe contarei os podres de Natasha em troca de uma simples informação. . .

— Deixe-me adivinhar. Quer o endereço de Valerie St. John. — Não era a primeira vez que ele tentava obter aquela informação. A editora dele daria mais do que fofocas para tirar Valerie do concorrente Jonas Brothers.

— O número do telefone, para ser mais exato.

— Sinto muito, Rodney. Isso é segredo profissional. Não achou mesmo que eu lhe daria essa informação, achou?

— Não. Aliás, correm boatos de que a preciosa Valerie não revelou seus dados pessoais nem mesmo a você.

Shelby se perguntou, como aquela informação teria vazado. Como Rodney havia descoberto que a solicitação dela por um número de telefone para contato tinha sido gentilmente recusada?

Apesar da raiva que isso lhe dava, devia admitir que não era difícil esse tipo de informação se espalhar. A indústria do livro era um leito de especulações, e a Jonas Brothers não constituía exceção à regra.

Seria bem feito para seu patrão se ela revelasse ao concorrente aonde Valerie St. John poderia ser encontrada. Só não seria justo para com a própria escritora. A linha de publicações da editora de Rodney não primava pela qualidade, como a Jonas Brothers, e isso desmereceria o seu trabalho. Afinal, devia essa consideração a Valerie. Mesmo que a decisão dela lhe custasse o emprego. . .

— Está checando de cabeça a lista dos seus colegas de trabalho para descobrir quem deu com a língua nos dentes? — Rodney interrompeu os pensamentos dela.

— Quando tiver mais experiência no ramo — ela falou num tom deliberadamente paternalista —, aprenderá a não acreditar em tudo o que ouve.

Ele riu.

— Que tal sairmos para jantar neste fim de semana para discutir melhor o assunto?

— Sinto muito, mas viajo em férias no sábado.

— Algo excitante?

Ela hesitou, então contou a verdade.

— Farei uma excursão por New England. Nunca fui para

lá nesta época do ano, portanto. . .

— Argh! Ver as folhas amarelarem e coisas do gênero? — Rodney sentiu um calafrio. — Quero outro drinque. — Ele sorria ao voltar para o bar.

Shelby sabia que ele estava satisfeito por ter estragado sua noite com observações sarcásticas. Era tudo o que Rodney queria. Ainda bem que tinha um bom pretexto para recusar o convite para jantar. Spçtundo Bob Jonas, sondar o inimigo e habilmente extorquir alguma informação fazia parte do seu trabalho. Mas, naturalmente, o inverso era verdadeiro, e ela devia tomar cuidado com a língua. Por consequência travavam uma batalha de nervos que sempre a deixava com .dor de cabeça.

Largou o copo e procurou refúgio no toalete, que devia estar mais calmo, se não menos enfumaçado.

Tirou os sapatos e afundou-se numa cadeira de vime branco. Com a redescoberta, o banheiro mais parecia uma floresta tropical. Tirava o pó compacto da bolsa quando uma fragrância floral chegou até seus sentidos.

A carta de Valerie St. John parecia uma bomba-relógio no fundo da bolsa. Ela não se atrevera a deixá-la no escritório; alguém sempre entrava para consultar seu arquivo. Também não podia tê-la deixado trancada na gaveta, pois levantaria suspeitas indesejáveis.

Apoiando os cotovelos nos braços da cadeira, pôs-se a massagear as têmporas e a refletir sobre o que faria. Àquela altura o departamento inteiro sabia que recebera a carta. Se a interpelassem a respeito, poderia dizer que a autora apenas expressara satisfação pela aceitação do livro. Ninguém esperaria outro manuscrito em um mês; de fato, o charme daquela mulher residia em parte na imprevisibilidade. Havia épocas em que escrevia toda semana, mas de repente parecia sumir da face da Terra por um mês ou até dois.

Pensou em mandar-lhe uma carta, expondo sua necessidade de pelo menos mais um livro. Mas, pensando bem, de que adiantaria ganhar uns meses, se Valerie estivesse realmente disposta a sumir por um ano? De qualquer maneira, o patrão não lhe era simpático e estava decidido a...

Repreendeu-se pelo pensamento derrotista. Tinha de tentar pelo menos. Respirando fundo, começou a esboçar na mente a carta que enviaria à autora.

Elaborava um apelo capaz de derreter o coração até mesmo do Abominável Homem das Neves quando Lora entrou no banheiro.

— Ué, pensei que tivesse ido embora. Está passando mal?

— Não, estou bem.

— Nesse caso, saia da toca antes que eu resolva começar a cobrar aluguel. Todo mundo já foi.

— Oh, desculpe! — Shelby consultou o relógio. — Perdi a noção do tempo. Estava aqui. . . admirando suas plantas.

— Meu decorador ficará lisonjeado com tanta admiração. Venha, vamos preparar um café e saquear a geladeira. Ou tem outros planos?

O estômago lembrou Shelby de que não comera nada. Além disso, o jeito espontâneo de Lora relaxou sua tensão, e ela sorriu.

— Não tenho plano nenhum.

— Devem ter sobrado petiscos para a gente beliscar.

A sala, que parecia absurdamente grande sem a multidão de convidados, tinha pratos, copos e cinzeiros sujos espalhados por todos os cantos.

— Ora, deixe para lá. — Lora fez um gesto descartando a idéia de entrarem ali. — Vamos para a cozinha, que ao menos está limpa.

Saquearam a geladeira, aproveitando o que havia ali para fazer um sanduíche para cada uma.

— Um atentado contra a minha dieta — Lora admitiu ao espalhar molho picante no sanduíche.

— E contra os seus anéis de diamante também. Tenha cuidado para não deixar penetrar migalhas de pão ou molho nessas reentrâncias minúsculas ou seu joalheiro nunca mais fala com você.

— Eu sei. Ele ficou uma fera quando cortei as unhas. Disse que meus anéis mereciam melhor exibição. Más, francamente, Shelby, não podia datilografar com as unhas compridas daquele jeito. Preciso pensar no meu ganha-pão também.

— Não encontrou uma secretária ainda?

— Nenhuma do meu agrado.

— Onde posso preencher uma ficha?

Fez-se um breve silêncio enquanto Lora terminava o sanduíche e atacava a salada de batatas.

— Achei mesmo que estava com algum problema para se esconder no banheiro.

Shelby falou sobre o impasse em que se encontrava.

— Enfim, estou perdida. A menos que você conheça alguém necessitado de um bom editor.

— Pensei que o seu problema fosse dor-de-cotovelo.

— Lora, não me interesse por um homem há pelo menos

seis meses.

— Precisa encontrar a pessoa certa. . .

— Alguém com muito dinheiro, suponho?

— Naturalmente. Assim poderia mandar Bob Jonas ir se afogar no rio mais próximo. Sabe, conheço uns tipos interessantes. Se quiser, posso marcar. . .

— Sabe muito bem que toda vez que arranja um encontro para mim é o maior fiasco. Os caras sempre esperam que eu seja como você.

— Nem todos. Lembra-se do corretor de seguros? Shelby ergueu o olhar com enfado.

— Sim, infelizmente, lembro-me muito bem. Acho que jamais vou encontrar alguém que agunte o meu horário de trabalho.

— Trabalho escravo.

— Trabalho tanto porque gosto. Mesmo que pudesse me dar ao luxo de viver de papo para o ar, gosto muito mais do meu emprego do que da maioria dos homens que conheci. Se ao menos Bob Tonas me deixasse trabalhar em paz. . .

— Tem isso também.

— Seja como for, preciso de um novo emprego. Não de um homem.

— É o que pensa, querida. O mercado está fechado. Ninguém está fazendo contratações. Conheço uma dúzia de pessoas desempregadas no momento.

— Por favor, Lora, não precisa ser tão encorajadora.

— Além do mais, ninguém quer um editor com fama de encenqueiro, o que seria o seu caso, se deixasse a lonas Brothers agora. É melhor continuar onde está por enquanto. Ficarei com os ouvidos alerta, e assim que a vaga certa aparecer. . .

— Mas não vê que não tenho tempo? A menos que Valerie produza mais um livro para mim. Vou escrever ainda hoje para ela, se bem que. . .

— Por que perder tempo com uma carta? Não seja orgulhosa. Telefone para a mulher e suplique. Faça isso já.

— Seria simples, se eu tivesse o número do telefone dela.

— Podemos perguntar à telefonista. Francamente, Shelby.

— Lora apanhou o telefone. — Qual é a cidade?

Shelby suspirou e deu a informação. Não adiantava discutir com Lora. Dez minutos depois, ela punha o telefone no gancho mordendo o lábio.

— Não há ninguém com o sobrenome St. John nessa cidade, Shelby.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

